



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA



A bicharia da bicha dos bichos não me deixava um instante de sossêgo!
Se até, certa noite, ao tirar o barretinho, topei com uma nojenta carraça, instalada lá dentro!

E não me largava a maldita!...

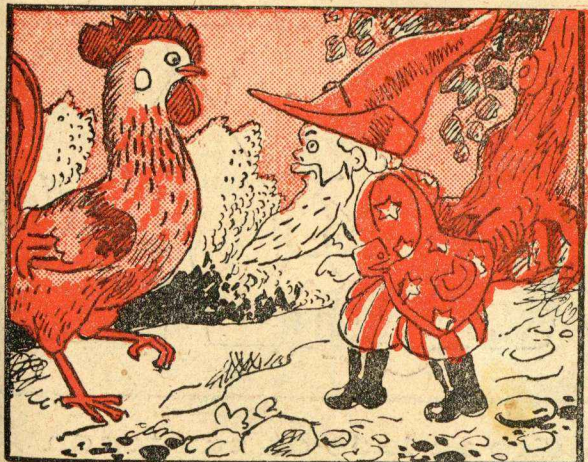
— Julgas, por acaso, que eu sou alguma orelha de cão, atrevido animal? — disse-lhe, furioso, atirando com ela para o meio do mato.

O có-có-ró-có, estridente, do galo passava por cima

do burro a zurrar,
do lóbo a uivar,
do gato a miar,
da vaca a mujir,
do pórco a grunhir,
do cão a ganir,

e de muitos outros roncões, rugidos e alaridos dos mais bicharocos.

Com as mãos na cabeça, eu gritava, aturdido e, sem



esperar a intervenção da coruja policia, gritei para o cantor insuportável.

— Animal assim bulhento, — não há cá no sol-e dó!
Galo aborrecido, embirrento,
cala o teu có-có-ró-có! —

O atrevido galinho deu um vôo e veio mesmo postar-se na minha frente.

— Que maneira desabrida tu tens de me tratar, Anão-zinho! O meu có-có-ró-có que tanto te enfastia, é a fanfarra com que acordo o sol! Sem mim, a terra estaria sempre mergulhada em trevas! Sou o relógio das gentes e dos animais. No mundo, que valha a pena, existe, unicamente, o galo! — disse, cheio de prosápia, o vaidoso animal.

Empoleirado numa árvore, um papagaio papagueou:

— O amigo galo,
dá gosto escutá-lo!
Mas tem parte fraca!
Lembra-te da faca! —

Já muito bem humorado com a piada do patusco papagaio, desatei às gargalhadas e toda a bicharia ria comigo, metendo a ridículo o galo gabarola.

Sem perder a linha, fingindo não dar pela troça, êste tornou a erguer a voz aflautada:

— Além do raro valôr do meu canto, sou o animal mais belo do reino da natureza. O arco íris deu as cores às minhas penas, dum bocadinho de sol foi feita a minha crista!...

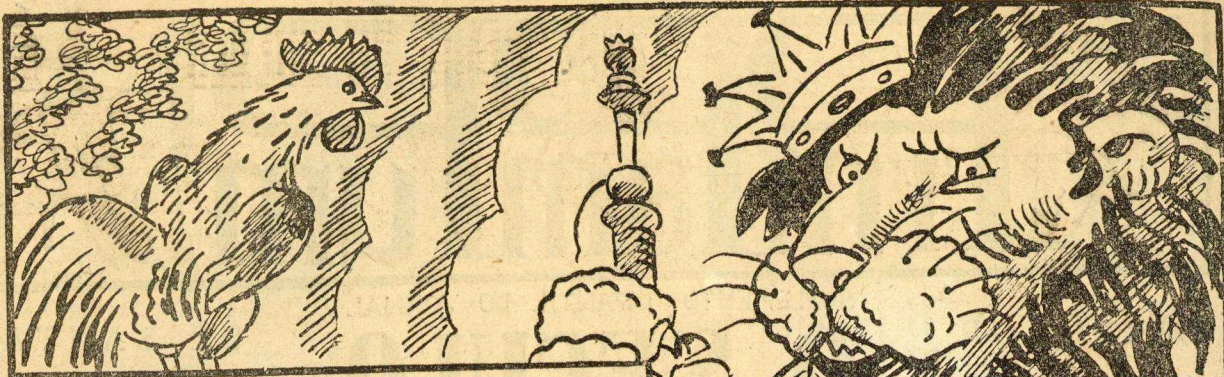
— Serás muito lindo, serás, mas corre por aí, que, a respeito de inteligência, deixas muito a desejar!... Enfim, tens miolos de galinha! —

— Os meus são de galo!... — redarguiu o toleirão, muito cheio de si.

— Julguei que era o mesmo! Se és filho de galinha!... —

— Eu não sou filho de galinha!

Sou filho do ovo! — tornou o refilão, já com as penas tôdas eriçadas, armado para aqueles combates sanguinários, que estão nos seus hábitos.



— Não queremos aqui maus exemplos, galo brigão! Afinal, que pretendes tu dizer aos meninos do «Pim-Pam-Pum»?

Só cantar a tua beleza, só louvar o teu canto?...—

— Vinha também dizer-lhes que obedecessem ao meu có-có-ró-có matutino, que se levantassem com os galos, como faz o sol, e que se deitassem com as galinhas, quan-

do o sol recolhe. Olhem que êste conselho lhes é dado com a inteligência que me negam! E' esta a grande ciência da vida, para se ser alegre e viver bem dispôsto; não te parece, amigo Anão?—

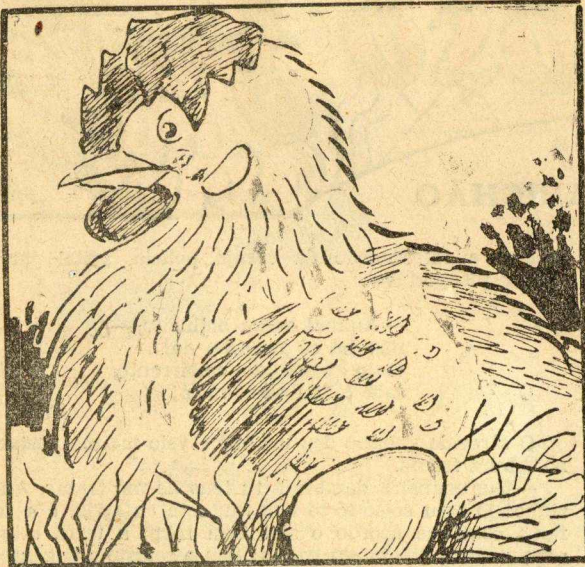
— Desta vez, concordo contigo! E êsse conselho tão acertado que dás aos meninos, até faz com que te perdesse a tua enorme vaidade! Lá porque és um lindo bicho...—

— Vês, que também é essa a tua opinião?— redarguiu logo, todo enfatuado.

— Deixa-me acabar o meu recado! Lá porque és um lindo bicho, não se segue que o andes a apregoar em alto e bom som! A beleza é um dote com que nasceste e, se fosses modesto, asseguro-te que serias mais apreciado!—

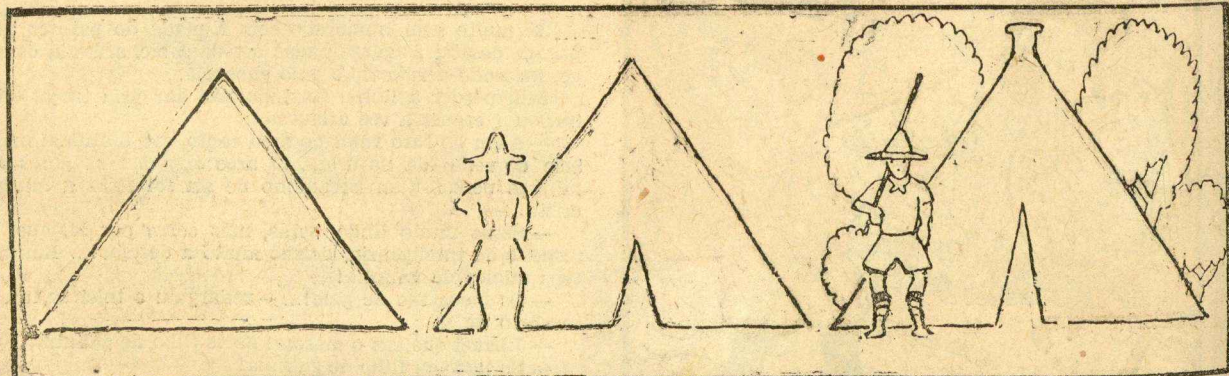
— Qual apreciado!... Assim é que eu agrado a valer às minhas senhoras galinhas e sou um rei nas capeiras! Se o leão não me fizesse uma certa sombra, seria até o rei dos animais!—

Assim o disse o vaidoso do galo, soltando um có-có-ró-có triunfal e batendo as asas em retirada, indiferente à indignação que suscitava a sua vaidade desmedida.



F
I
M

L i ç ã o d e D e s e n h o



Como se desenha um escoteiro ao lado da sua tenda

A LIÇÃO DA MÃI!

POR LEONOR DE CAMPOS

DESENHOS DE A. CASTANÉ

—Huf!... Até que enfim!... — exclamou o Manuel, rapazote de 15 anos, aluno do 4.º ano do liceu. — Estou mais farto destas matemáticas!... Se me vejo livre disto, nem acredito!...

E atirou com o livro para cima da secretária, tão brutalmente, que fez saltar o tinteiro. A tinta espirrou. E a Mariazinha, que, junto do irmão, bordava um *napperon*, viu o seu trabalho manchado com uns salpicos de tinta.

—«Oh Manuel!... — exclamou a pequena, as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos. — Estragaste-me o *napperon*!... E agora?!»

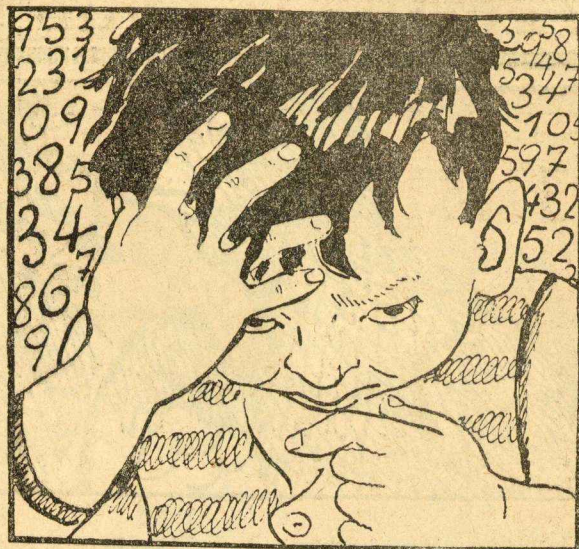
—«Agora? — respondeu o irmão, com ar desdenhoso — Agora fazes outro. Olha a grande coisa!...»

—«Pois sim!... Faça outro!... Que remédio!... Mas êste tinha-me dado tanto trabalho!...»

—«Ai credo, senhora doutora! Tanto trabalho!... — troçou o Manuel. — Qual trabalho nem qual carapuça?!... Isso a que tu chamas trabalho, é uma linda maneira de passares o tempo sem trabalhares!... Agarras num pedaço de pano que nunca te fez mal algum, fazes-lhe uma data de buracos... dás uns pontarelos em volta dêsses buracos... e pronto. Aqui está o bonito *napperon* da habilidosa Mariazinha!...»

—«Mas tu não vês...»

—«Vejo, vejo! — interrompeu Manuel — Vejo que me farto de suar, às voltas com estas malditas matemáticas, que o demónio confunda e que, no fim do ano, não consigo senão ter média à raza. E que tu, só por seres rapariga, consegues



ter melhores notas, embora estudes menos do que eu, visto ainda teres tempo para fazeres estas porcariazinhas bordadas!...

Nesta altura D. Elisa, a mãe dos dois contendores, que até aí se conservara silenciosa e como alheada da conversa dos filhos, achou que devia intervir:

—«Manuel — exclamou a senhora, interrompendo, por momentos, o seu trabalho de malhas e olhando, severamente, o filho — o que acabas de dizer é o maior elogio que poderias fazer a tua irmã. Na verdade, todos os dias eu dou graças a Deus por tua irmã ter aproveitado e seguido os meus conselhos e os meus exemplos. E, já agora, espero que me expliques o que significa a tua frase: «tens melhores notas por seres rapariga».

O que queres isso dizer?»

O Manuel estava atrapalhadíssimo. Vermelho como um pimentão, respondeu:

—«E' que, mãizinha, os professores em geral dão melhores notas às raparigas, porque têm pena delas, por serem mais fracas!...»

—«Essa agora!... Que linda teoria!...»

Então que ideia fazes tu do espírito de justiça dos professores? Que tristeza, meu filho!... Custa a crêr que um rapaz, inteligente, com a tua idade, esteja tão prevertido por maus companhei-

(Continua na pagina 6)



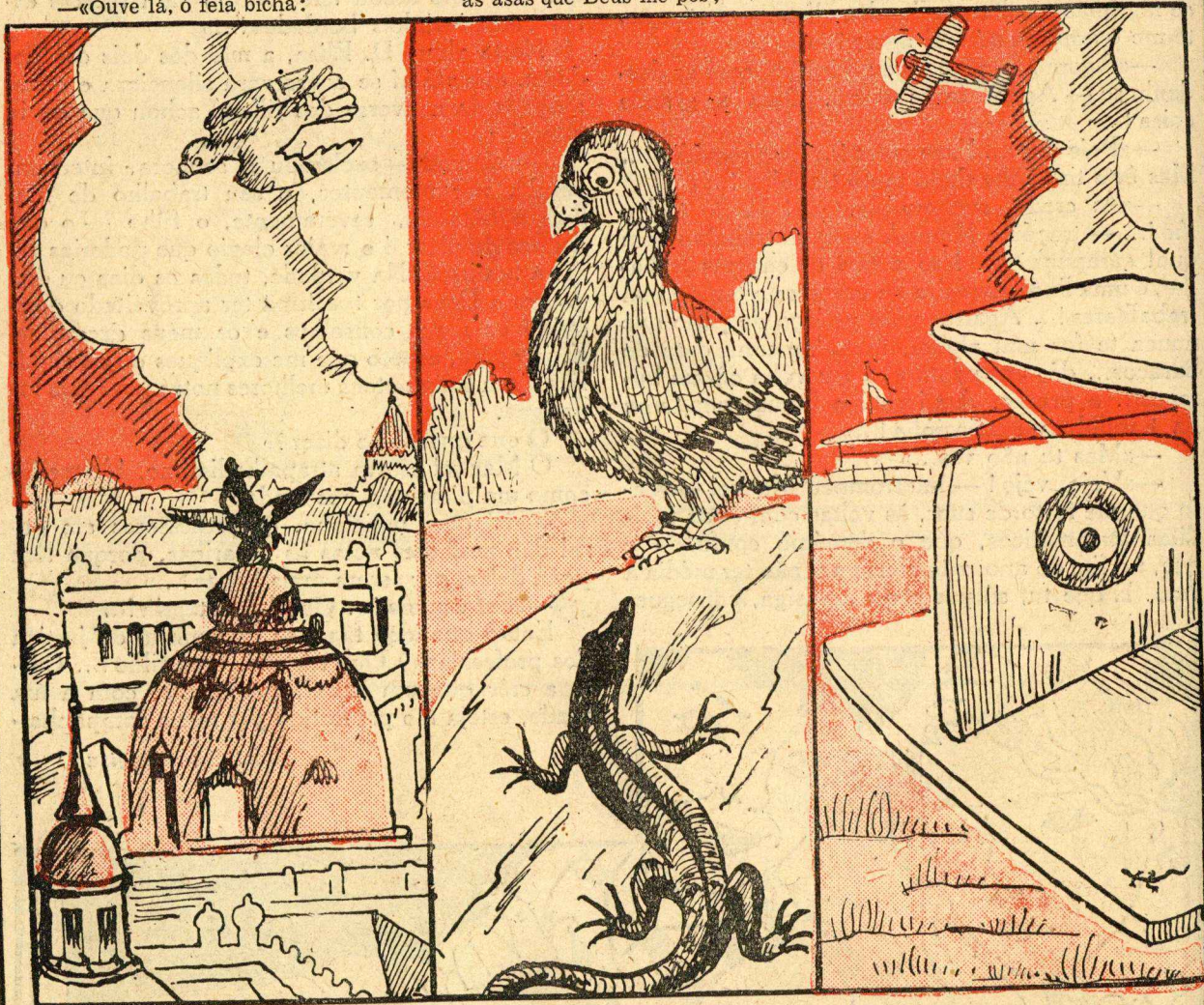
O POMBO CORREIO e a LAGARTIXA



I — Um dia, um pombo correio que andava em constante rixa com comadre Lagartixa, começou o seu paleio :
— «Ouve lá, ó feia bicha :

II — Repara, toma sentido no abismo que há entre nós :
— Vou daqui a Badajoz, em poucas horas, devido às asas que Deus me pôs ;

III — contanto que tu, mesquinho, pobre verme rastejante, andando devagarinho, pisando o mesmo caminho, nunca vais longe, distante.



IV — Cruel, a rir, logo após, o pombo correio vóa, cortando o espaço, veloz, e, partindo de Lisboa, chega, em breve, a Badajoz.

V — Mas qual não foi seu espanto, ao chegar e ao deparar sobre uma pedra, entretanto, a lagartixa, a um canto, já fartinha de o esperar.

VI — «Tu aqui?!...» Responde, então, a rainha dos reptís :
— «Vim na cáuda dum avião, ao qual trepei, porque quiz dar-te uma boa lição.

ULTIMA CARTA DO COLEGIO

Por GRACIETTE BRANCO

— «Minha maizinha:

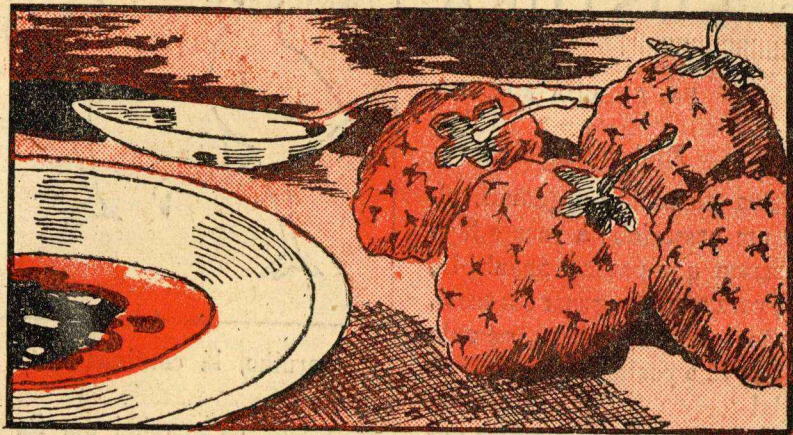
Ansioso
por te abraçar, levo a dia,
desde que o sol alumia
o meu quarto de estudante,
a pensar no belo instante
de aí te ver na estação,
'streitando-me ao coração
e tremendo de alegria!

Vou mais homem, mais sisudo,
tu verás, riquinha Mãi!
As férias sabem tão bem
após um ano de estudo!

Agora, sinto desejos
de saltar, jogar o pino
e dormir, sôb os teus beijos,
como dantes em menino!

Não sei se inda tenho espaço,
porque tão crescido venho,
mas creio que o teu regaço
é sempre do meu tamanho!

Escrevo-te, numa sala,
por onde entrou o luar,
sôbre a mesa, tenho a mala
que vou agora arrumar!



Cadernos, livros de estudo,
dois lápis por aparar,
cadernetas, — já vai tudo
arrumado em seu lugar.

Agora a roupa. Decerto
Não fica bem arrumada...
faltam-me as mãos duma fada
que tudo faz com acêrto...

Mas, com carinho e cuidado,
verás que tudo vai bem,
porque está sempre a meu lado
o teu olhar, minha Mãi!

Até breve!... Não te esqueças?...
(Se esquecerés, não me zango...)

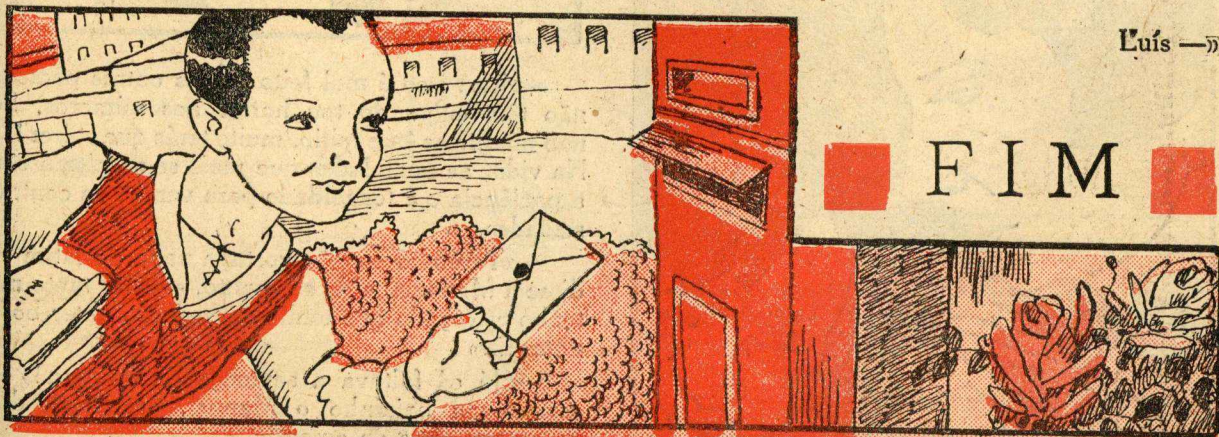
Mas gostava que fizesses
a compota de morango...

Já vejo, muito arrumados,
(a maizinha em tudo pensa...)
os boiõezinhos guardados
na vitrine da despensa...

Quero vêr-te na estação
para, assim que lá chegar,
sentir o teu coração
júnito do meu, a pulsar!

Agora, vou-me deitar,
Amanhã vou ser feliz...
Até poder-te abraçar
um beijo de teu

Luís —»



F I M

O CESTINHO da COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Minhas amiguinhas

Estes pintaínhos ingénuos, vi-ram um passarinho a voar e logo pensaram que podiam apanhá-lo.

E, para não lhe pregar um susto, lá vão todos em fileira, pé ante pé, não vá o passarinho fugir mais ainda!

Mas o passarinho, que nem por eles deu, voou, voou, e os pintaínhos, sempre com muito cuidadi-
nho, não fôssem os seus pézinhos

fazer barulho, lá continuaram a caminhar.

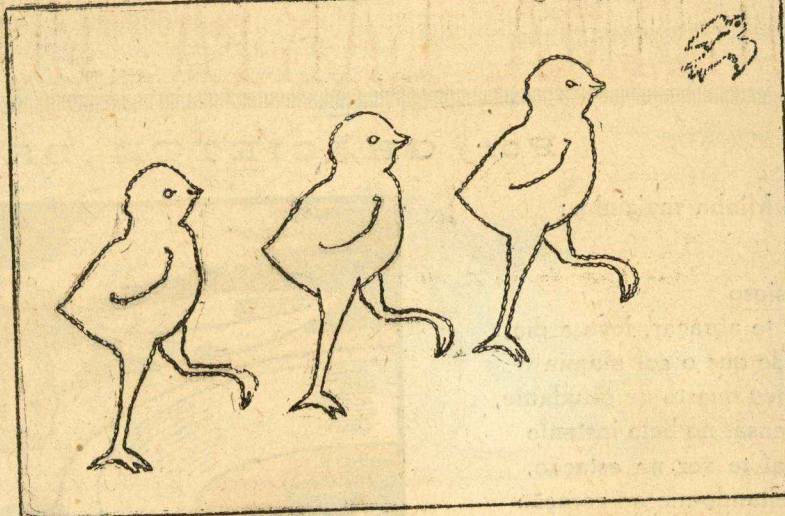
E, assim, os apanhei em fla-grante!

Aqui estão e agora podem aplicá-los em muitos dos vossos

trabalhinhos, pois em quási todos ficarão bem.

Recebam um grande abraço da vossa amiguinha

Abelha Mestreira



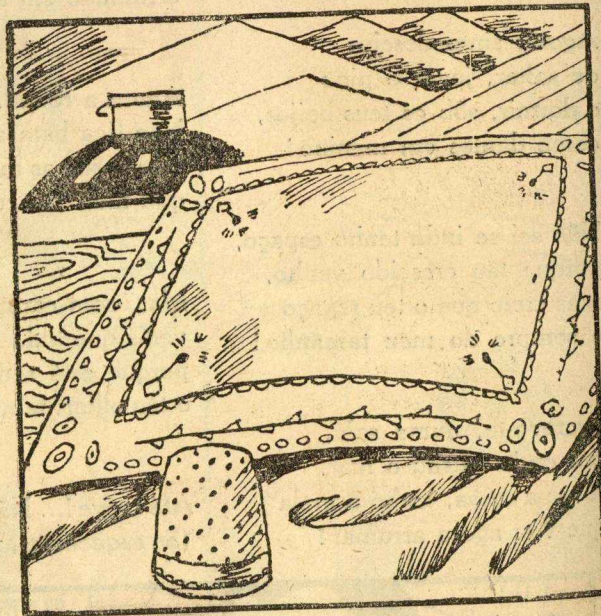
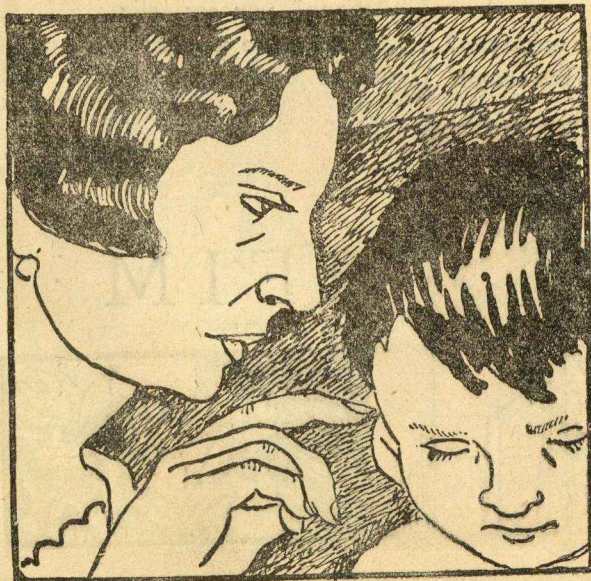
A LIÇÃO DA MÃE (Continuação da pagina 3)

ros, que é capaz de dizer barbaridades como as que, há pouco, proferiste!... Sim porque eu não posso crêr que sejam ideas tuas, do filho que eu eduquei, as que acabas de dizer!...

—«Perdão, maizinha, não se aflija!... Eu sou um parvo, não sei o que digo!...»

E o Manuel abraçava e beijava a mãe, com ternura. Mas vendo que ela se conservava triste, acrescentou:

—«Sabe? A culpa é da matemática. Sempre que acabo de a estudar, fico tão mal dispôsto, que só me apetece implicar com tudo e com todos...»



—«Mas isso é mal feito!... As outras pessoas não têm culpa do teu horror aos números. Se não modificas êsse feitio, muito terás que sofrer!... Na vida, as qualidades que mais se precisam são a paciência e a tenacidade para vencer as contrariedades...»

—«Também eu não gostava nada de latim — disse a Mariazinha do seu canto. — Mas tanto me tenho esforçado que tenho conseguido obter boas notas!...»

—«Já cá faltava a sentença da doutora!» — resmungou baixinho o Manuel, esquecido dos seus propósitos de emenda.

Mas a mãe, que ouvira o filho resmungar, em-

Concursos Charadísticos

Por AMÉRICO TABORDA

SECÇÃO RECREATIVA

Número 12 — 1.º Concurso

NOTA: — Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a Américo Taborda (Rei do Sêbo) — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 43 — Lisboa.

Decifrações do n.º 7

1 — Caminho; 2 — Fonderação 3 — PALATO-PATO; 4 — Bodega-boga; 5 — DIVAGAR; 6 — Lagôsta; — Coça; 8 — Portalegre; — Almeida; — 10 — Águia-água.

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 5 — GISITA — 5 votos
N.º 3 — ROMUALDO SANTOS — 4 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 2, de «Rucas», 3 votos; n.º 6, de «I. Atirbac» e não «Gisita», como saíu, 2; n.º 7, de «Arievilo», 2; n.º 8, 1; n.º 9, 1; n.º 10, 1.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Anjocarfer, António C. Abreu, Arievilo, Barba Azul, Bêu, Dália de Jesus, Dois Manos, Fernandoso, Líllicas, Lucas, Noémia, Romualdo Teles Santos, Zarb (?), Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zeuzinho.

(Decifraram 10 — Totalidade)

QUADRO DE MÉRITO

Chalet d'Ossos, Zeca, 9 — Alfredo Matos, Mister X, Um decifrador, 7.

Charadas

NOVISSIMA

1) Agora não há «alimento» no «país». — 1-1

Leiria — Abrunhosa «O Espanhol».

SINOPADAS

2) Pesa sôbre êle a bebedeira. — 3
Lisboa — Abílio.

3) A velhice dá-nos cabo do cachaço. — 3
Coimbra — Zefa (C. C. C.)

COMBINADA

+ bo = Gordura
+ co = «Ave»
+ cal = Lugar

Conceito: Cem anos
Um apologista d'O Século.

MAÇADA GEOGRAFICA

5) Medite na baía môr. — Zé Guinoro.

ENIGMA TIPOGRAFICO

6) 500 v v v Quando
Setubal — Zé Quitolas.

PREGUNTAS ENIMATICAS

7) Qual é a cidade portuguesa que está no focinho dos cães? — Alpedrinha — Alfredo Matos.

8) Qual é o nome de homem que, trocando-se-lhe uma vogal, se transforma em outro nome de homem?

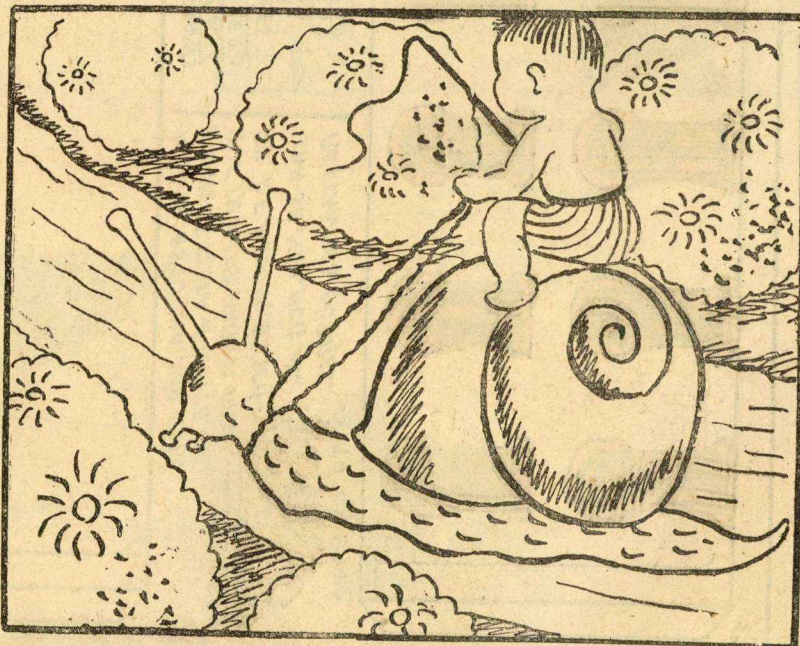
Beja — Um decifrador.

NOTAS: — Devido à grande afluência de produtores, resolvemos adoptar a ordem alfabética na publicação das produções, a qual se vem observando há, já, algumas semanas. Dêste modo nenhum concorrente produtor é prejudicado, pois tôdos se encontram em igualdade de circunstâncias.

Hoje publicamos trabalhos dos concorrentes compreendidos da letra u a a inclusiva.

— Como termina, com o presente número, o primeiro concurso charadístico, só tornamos a publicar charadas quando iniciarmos o segundo concurso. Os próximos números são dedicados, exclusivamente, à publicação dos resultados e de outros assuntos referentes aos concursos.

PARA OS MENINOS COLORIEM



bora não tivesse percebido as suas palavras, interrogou?)

— «Que dizes, Manuel?»

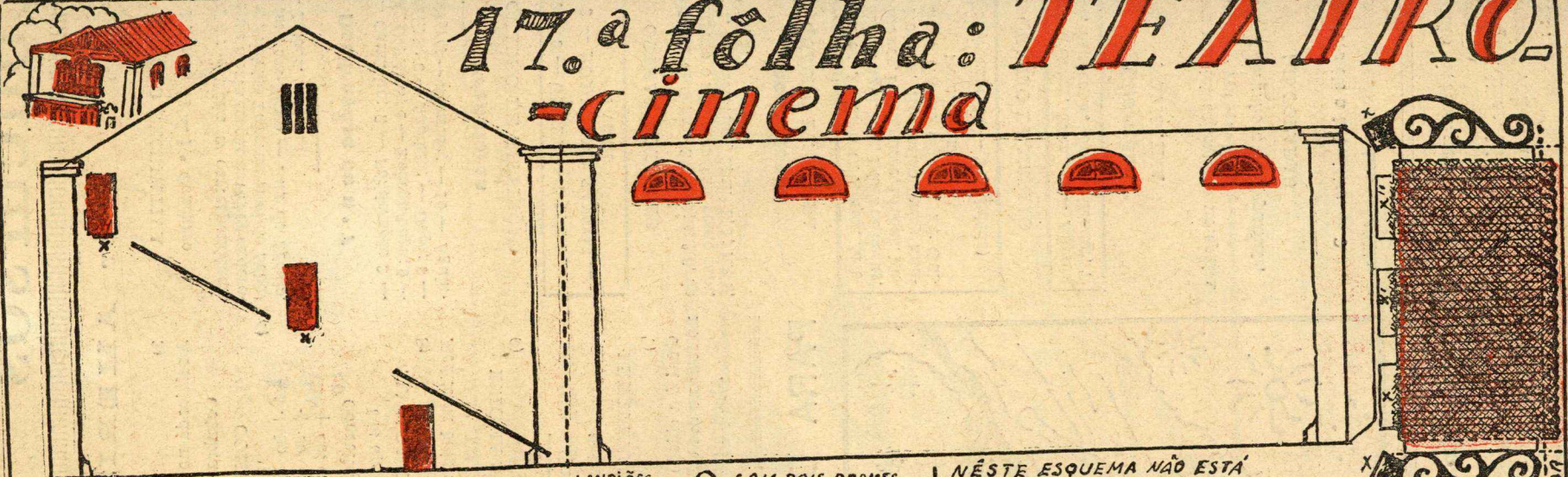
Manuel voltou a córar. E, comprometido, respondeu:

— «Nada, maçinha!...»

— «Nada, não. Tu falaste...»

(Continua no próximo número)

17.ª fôlha: **TEATRO** **-cinema**



ATENÇÃO!

Só faltam três peças
mas para terminar
este inolvidável
concurso!
!!!!!!!

O TELHADO DO
PROXIMO
NÚMERO

LÂMPIÕES

MODELO

COM DOIS ARMES
FINOS COM ESTE
FEITO FAZERO
SUPORTE DOS
LÂMPIÕES.

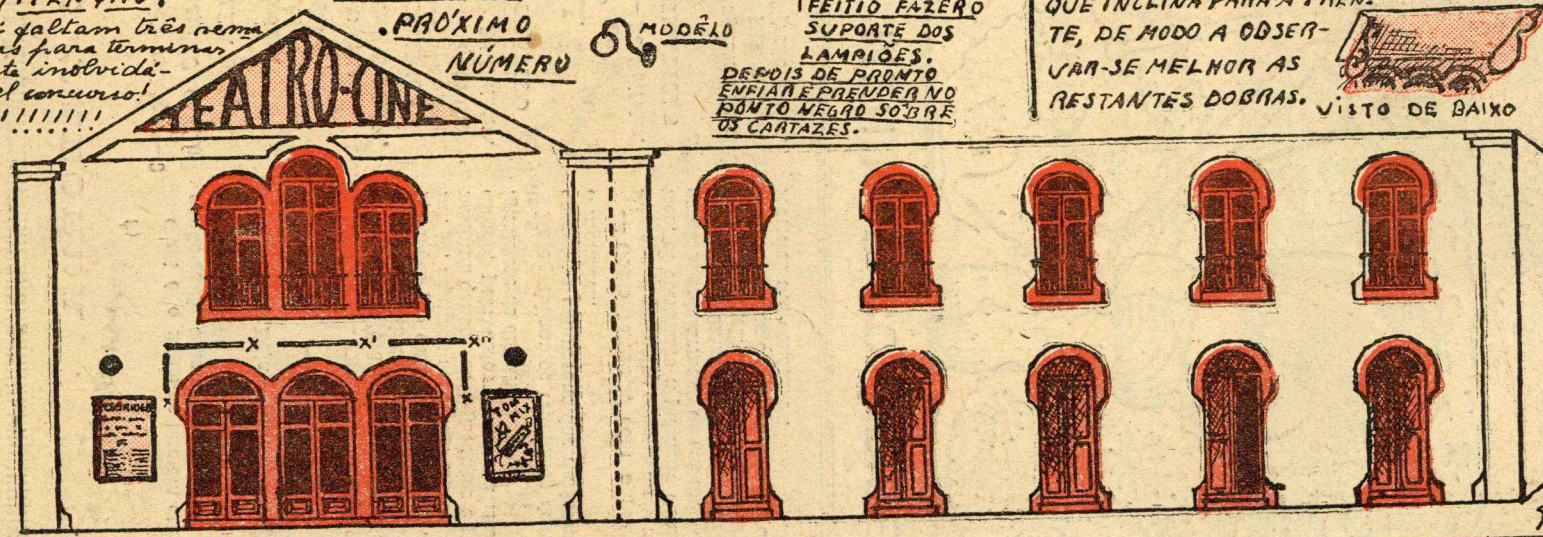
DEPOIS DE PRONTO
ENFIAM E PRENDER NO
PUNTO NEGRO SOBRE
OS CANTARES.

NÊSTE ESQUEMA NÃO ESTÁ
REPRESENTADA A PARTE
QUE INCLINA PARA A FAEN. COMO DOBRA
TE, DE MODO A OBSER-
VAR-SE MELHOR AS
RESTANTES DOBRAS. VISTO DE BAIXO



PERFIL

DOBRAS



RESGUARDO
As patilhas
desta peça
enfiam nas
ranhuras "X"
da fachada
principal.

935-A. Taborda

11 milímetros